



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROFESSOR ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

DANIELE MENESSES

**PARA FICAR BONITA TEM QUE SOFRER?
AS PEDAGOGIAS CULTURAIS NAS NOTÍCIAS DO G1**

**ITABAIANA
2025**

DANIELE MENESSES

**PARA FICAR BONITA TEM QUE SOFRER?
AS PEDAGOGIAS CULTURAIS NAS NOTÍCIAS DO G1**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação, da Universidade Federal de Sergipe, Campus Universitário Professor Alberto Carvalho, como requisito para obtenção do grau de licenciado(a) em Pedagogia.

Orientador(a):
Profa. Dra. Fernanda Amorim Accorsi

ITABAIANA
2025

DANIELE MENESSES

**Para ficar bonita tem que sofrer?
as Pedagogias Culturais nas notícias do G1**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação, da Universidade Federal de Sergipe, Campus Universitário Professor Alberto Carvalho, como requisito para obtenção do grau de licenciado(a) em Pedagogia.

Orientador(a):
Profa. Dra. Fernanda Amorim Accorsi

Aprovada em: 26 de março de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Drª. Fernanda Amorim Accorsi - orientadora
Universidade Federal de Sergipe

Profª. Drª. Lívia Jéssica Messias de Almeida
Universidade Federal de Sergipe

Prof. Dr. Paulo Sérgio da Silva Santos
Universidade Federal de Sergipe

ITABAIANA
2025

Dedico este trabalho assim como todo o meu eterno amor ao meu pai, amigo e parceiro de café que hoje mora com os anjos. A minha mãe, mulher guerreira, por todo o apoio e incentivo de sempre. A minha avó, mulher preciosa e de fé, que me proporcionou uma infância valiosa repleta de primaveras. Ao meu namorado, por ser tão especial e fazer a minha alma transbordar de amor. Aos meus amigos, por sempre serem a minha casa na alegria e na tristeza.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao Pai celestial, o qual me fortaleceu e me permitiu chegar até aqui. Como também, a mim, Daniele Meneses, humildemente falando fui a peça excepcional para essa pesquisa acontecer, pois sei da minha trajetória acadêmica, o quanto estudei, pesquisei, refleti e escrevi empenhada em oferecer o meu melhor. Eu agradeço à minha família, sem eles nada disso seria possível. Em especial, à minha mãe, Daniela, que me preparou para a vida e me ensinou a lutar como uma garota.

Agradeço ao meu eterno pai e velho amigo, Nilberto, por me ensinar a ter muita fé, ser forte, humilde e entender que sempre se deve “tocar para frente” mesmo em momentos tão difíceis. Agradeço ao meu pai postiço, Gilton, por ter tentado me ensinar a desenhar mesmo que eu não tenha aprendido quase nada sobre desenhos, no entanto, me tornei criativa e uma admiradora das artes. Agradeço à minha avó e também mãe, dona Lurdes, que cuidou tão bem de mim em um ambiente que sempre prevalecia a humildade e a autonomia.

Agradeço também, aos meus amigos que se foram Chico e Teodoro, é uma parte do meu coração. Agradeço também, aos meus gatos que se foram Tundo e Junior, como também, à minha gata Nina, animais fazem a nossa vida ser muito melhor. Agradeço também, ao meu amor, Jhonathan, que juntos seguimos essa batalha chamada de vida e sou grata por todo o seu carinho, brincadeiras e acolhimento nos momentos difíceis. Agradeço também, a todos os meus amigos que sempre estiveram comigo segurando a minha mão, em especial, Aclécia e Lucas, assim como todos os outros que contribuíram de alguma forma para que eu estivesse chegado até aqui, amo a todos. Agradeço também, as minhas vizinhas, por serem pessoas queridas.

Agradeço também, à minha amada e querida professora, embaixadora do grupo PEPECA, Fernanda, declaro-a culpada por me fazer apaixonar-se por tudo isso, por todas as reflexões rumo à inteligência e a um mundo mais igualitário e menos sexista. Agradeço também, à minha dupla e xará, Daniele, desde o início encaramos esse processo juntas e finalmente vencemos. Sou grata também a todos os professores universitários que me proporcionaram uma gama de conhecimentos e caminhos para a aprendizagem. Grata também, por todo o acervo de livros que me proporcionaram e me tornaram uma excelente profissional e me fizeram reconhecer quem eu de fato sou; feminista. Sou grata, principalmente, às crianças que tornaram esse processo tão especial e enriquecedor. Grata também, à universidade pelas relações sociais, formação e transformação.

“Há uma esperança te esperando na escuridão. Você deveria saber que
é linda do jeito que é. E você não tem que mudar nada, o mundo
poderia mudar de ideia. Não há cicatrizes na sua beleza. Nós somos
estrelas e somos lindas”. (Alessia Cara, scars to your beautifu.)

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo geral discutir as notícias do G1 como artefatos culturais que emitem pedagogias culturais e atravessam as formas de ser mulher. Estudamos três notícias de 2024, intituladas de: I) Influenciadora morre no DF após procedimento estético para aumentar glúteos; II) Polícia investiga morte de mulher após fazer procedimentos estéticos por mais de 10h em clínica, no PA; III) Mulher está em cadeira de rodas e não consegue andar um mês após procedimento estético no Rio. Para orientar a pesquisa, perguntamos: como as perspectivas feministas podem promover consciência crítica frente às pedagogias culturais que operam na formação das identidades femininas? A análise foi feita a partir dos Estudos Culturais e da macro categoria Modos de Endereçamentos para identificar quais endereçamentos estão presentes nessa pesquisa e como elas podem ser pedagógicas para os/as leitores/as através da pesquisa documental associada a pesquisa bibliográfica. Discutidas a partir de teorizações de Naomi Wolf (1991) e bell hooks (2018). Verificamos que nenhuma das três notícias têm o compromisso de emancipar as mulheres, pelo contrário, servem de estatística de casos de mulheres que podem soar, a partir das representações da manchete e das fotografias, como imprudentes e culpadas. Ressaltamos o compromisso dos feminismos em contribuir com a libertação das mulheres.

Palavras-chave: beleza; perspectivas feministas; procedimentos estéticos; mulheres.

RESUMO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

The general objective of this research is to discuss G1 news as cultural artifacts that emit cultural pedagogies and permeate ways of being a woman. We studied three news stories from 2024, entitled: I) Influencer dies in DF after cosmetic procedure to increase buttocks; II) Police investigate death of woman after undergoing cosmetic procedures for more than 10 hours in a clinic in PA; III) Woman is in a wheelchair and cannot walk one month after cosmetic procedure in Rio. To guide the research, we asked: how can feminist perspectives promote critical awareness in the face of cultural pedagogies that operate in the formation of feminine identities? The analysis was based on Cultural Studies and the macro category Modes of Address to identify which addresses are present in this research and how they can be pedagogical for readers through documentary research associated with bibliographic research. Discussed based on theorizations of Naomi Wolf (1991) and bell hooks (2018). We found that none of the three news stories are committed to emancipating women; on the contrary, they serve as statistics of cases of women who may appear, based on the representations in the headline and the photographs, as reckless and guilty. We highlight the commitment of feminisms to contributing to the liberation of women.

Keywords: beauty; feminist perspectives; aesthetic procedures; women.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas e Técnicas
DF	Distrito Federal
PA	Pará
PEPECA	Pesquisas e Estudos em Práticas Educativas, Corpo e Ambiente
QBP	Qualificação de Beleza Profissional
RJ	Rio de Janeiro
TIC's	Tecnologias da Informação e Comunicação
TV	Televisão
UFS	Universidade Federal de Sergipe

SUMÁRIO

1	EM PRIMEIRO LUGAR	14
2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	18
3	MULHERES E PROCEDIMENTOS ESTÉTICOS	23
3.1	INFLUENCIADORA MORRE NO DF APÓS PROCEDIMENTO ESTÉTICO PARA AUMENTAR GLÚTEOS	23
3.2	POLÍCIA INVESTIGA MORTE DE MULHER APÓS FAZER PROCEDIMENTOS ESTÉTICOS POR MAIS DE 10H EM CLÍNICA, NO PA	29
3.3	MULHER ESTÁ EM CADEIRA DE RODAS E NÃO CONSEGUE ANDAR UM MÊS APÓS PROCEDIMENTO ESTÉTICO NO RIO	33
4	ENCERRAMENTOS POSSÍVEIS	39
5	REFERÊNCIAS	42
	ANEXOS	45

1. EM PRIMEIRO LUGAR

Este trabalho versa sobre a temática das Pedagogias Culturais, aquelas ancoradas nas discussões feministas sobre gênero e os modos de endereçamento de notícias que abarcam a referida temática. “O conceito utilizado de pedagogia, neste texto, é aquele que defende os aprendizados para além da sala de aula, os quais ultrapassam os muros da escola e são experienciados no cotidiano dos sujeitos, por meio das mídias, que provocam processos formativos nem sempre cartesianos e pré-estabelecidos [...]” (Accorsi, 2020, p. 185-186).

Esta pesquisa foi motivada através de discussões e reflexões sobre corpo e gênero realizadas no grupo de pesquisa Pesquisas e Estudos em Práticas Educativas, Corpo e Ambiente (PEPECA)¹, da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Campus Professor Alberto Carvalho, localizado em Itabaiana/SE. O grupo constantemente se reúne para debates, discussões e são associados à elaboração de trabalhos acadêmicos a partir de exemplos do dia a dia. As turmas de pedagogia têm acesso às disciplinas e fazem apresentação teatral e exposição de imagens aberto ao público com o objetivo de propor reflexões em razão das pedagogias que nos são atribuídas.

Entendo que as identidades são moldadas pela representação de valores e comportamentos veiculados pelo patriarcado² por meio das mídias, da escola, da família, das religiões. Neste trabalho, o recorte se volta para a interpelação das identidades ocorrida pelas mídias. A cultura machista³ e as Pedagogias Culturais operam dentro desse processo de construção identitária e são os responsáveis pelas relações de poder estabelecidas entre os indivíduos e o ambiente sociocultural. Esse movimento de construção da identidade faz parte da sociedade contemporânea e tem sido responsável pela regulação das ideias, concepções e produções, ou seja, são ações estabelecidas como forma de organização desse espaço cultural, vistas como legítimas pelo método de naturalização como relata Soares (2008). Essas manifestações produzem significados e sentidos que despencam sobre o gênero, a sexualidade e as identidades.

A autora Soares (2008, p. 47) define as Pedagogias Culturais como “[...] locais onde as identidades sociais, e entre elas identidades sexuais e de gênero, são produzidas”. Neste

¹ O PEPECA é um grupo de pesquisa responsável por estudos, discussões e pesquisas acerca de temas como gênero, corpo e sexualidade com o objetivo de compreender as relações entre eles e descolonizar normas e conceitos vislumbrados como saberes que os submete a subalternidade.

² O patriarcado é um sistema de hierarquia social executado a partir da divisão sexual nas esferas políticas, econômicas e sociais com benefícios e poder aos homens através da execução, dominação e exploração de mulheres (Lerner, 2019).

³ A cultura machista refere-se ao conjunto de ideias patriarcais como comportamentos, atitudes e ações que ferem o princípio da igualdade de gênero e perpetuam a submissão, a dominação e a exploração feminina (Hooks, 2018).

cenário, a pergunta que **orienta a pesquisa** é: como as perspectivas feministas podem promover consciência crítica frente aos artefatos culturais propagadores de pedagogias culturais que operam na formação das identidades femininas? Isso se faz importante para propor às pessoas uma consciência crítica antissexista⁴ e possam compreender como o movimento feminista pode contribuir para essa causa social que afeta mulheres diariamente em todos as gamas públicas e privadas, principalmente no que se refere ao sexismo⁵ diante do padrão de beleza.

O **objetivo geral** é discutir as notícias do G1⁶ como artefatos culturais que emitem pedagogias culturais e atravessam as formas de ser mulher. Os objetivos específicos são: I) selecionar notícias que associem mulheres aos procedimentos estéticos no site G1; II) analisar a notícia na perspectiva feminista como consciência crítica; III) compreender como as notícias podem funcionar como pedagogias para leitores e leitoras.

Desse modo, é indispensável discutir a partir das teorias feministas como as formas de colonização propuseram o estigma do corpo feminino como um instrumento de extrema vulnerabilidade e, assim, aprisionando a sua corporeidade pelos ideais patriarcais. As Pedagogias Culturais são modos educativos orientados por artefatos culturais veiculados pelas mídias. Elas são ancoradas na cultura contemporânea através da diversidade de experiências e inovações em tempo real que proporcionam múltiplas formas de pensamentos, saberes, concepções e prática para os indivíduos acessarem e se identificarem com certos discursos sociais impostos no mundo a partir do ambiente virtual pelas tecnologias digitais.

Por conseguinte, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) são todos os instrumentos eletrônicos ou recursos digitais que disponibilizam o acesso à internet como televisão, computador, celular, tablet, televisão, notebook e entre outros, a partir deles houve um conjunto de inovações e mudanças (Costa, Duqueviz e Pedroza, 2015). Enquanto as mídias digitais são todas as plataformas utilizadas através da internet das quais possibilitam a acessibilidade a conteúdos, informações e várias formas de comunicação nos ambientes virtuais como redes sociais, blogs, canais, jornais digitais, e-mails e demais. Já as mídias sociais são toda forma de veiculação de informações de forma off-line e impressa através de jornais, revistas, cartazes, imagens e livros.

⁴ O antissexismo é uma ideologia que defende direitos iguais tanto para homens quanto para mulheres visando o fim da opressão e desigualdade de gênero (Castañeda, 2006).

⁵ O sexismo é a manifestação de comportamentos e atitudes preconceituosas e discriminatórias baseada no gênero com a convicção de um estar superior a outro definido como inferior. É comumente ocorrido com mulheres (Hooks, 2018).

⁶ O G1 trata-se de um jornal digital da rede Globo do qual apresenta noticiários de diferentes gêneros visando proporcionar informações, opiniões e recomendações ao seu público.

Nesse viés, há uma imposição compulsória de parâmetros e tradições capitalistas que violam os corpos, a exemplo dos procedimentos estéticos como harmonização facial, implante de silicone nos seios e glúteos, preenchimento ou pigmentação labial, lipoaspiração, rinoplastia, abdominoplastia, *peelings* químicos, alongamento de cílios, harmonização fácil e medicamentos para emagrecer ou estimular a ereção do pênis para performar. Além de outros mais invasivos, segundo a Viva Bem UOL (2023), como labioplastia, redução ou aumento do monte de vênus, flacidez dos grandes lábios, clitoriplastia, perinoplastia e reconstrução do hímen, clareamento vaginal e anal. Embora a procura por esses procedimentos seja feita por homens e mulheres, a maioria são classificados, elaborados e pensados para o gênero feminino. Nesse sentido, são mais realizados por mulheres porque nós sempre fomos associadas à ideia de manter uma boa aparência, o corpo perfeito, determinado como o instrumento social a ser apreciado Kehl (2004), deixando a capacidade, as habilidades e a inteligência desse gênero de segundo, último ou nenhum plano Zanello (2022).

Vivemos atribuladas em um sistema machista, misógino, homofóbico e racista do qual a mulher é assistida como um objeto sexual e o mais conhecido, sexo frágil Núñez (2023). Então, elaboram configurações sociais sobre ser mulher associadas a um padrão de beleza específico, que mantém a desigualdade (e a violência) de gênero e segurem a ideia da fragilidade feminina para que não ocupem o espaço viril denominado para os homens. Desassociam do gênero feminino determinadas profissões que foram consideradas do gênero oposto, ou seja, estarmos no século XXI ainda é restrito para as mulheres, as visões patriarcais até o momento não foram totalmente dizimadas, pelo contrário, se antes as mulheres eram privadas de sair de casa por conta do machismo, na terceira década do século vigente ela vota, estuda, ocupa o espaço público, mas precisa ser, estar e existir conforme os moldes de beleza da época Wolf (1992).

Diferente do gênero feminino, os homens heterossexuais e cisgêneros devem se mostrar viris, menos cuidadosos para não ser confundidos com os gays. A depender da idade ou ainda jovem deve sempre manter o pênis ereto por muito tempo, apreciar a quantidade de mulheres para estar corriqueiramente ativo sexualmente, para manter a sua masculinidade atualizada na sociedade machista Zanello (2024). Dessa forma, essa cultura patriarcal e capitalista atravessa homens e mulheres induzindo com que abracem as ideias estéticas, comportamentais e culturais como uma escolha pessoal, empoderamento e autoestima.

Nas mídias, o objetivo é lucro, os cliques, a visibilidade, a imposição de tendências e repercussão. A mídia é educativa, mas parece, propositalmente, não saber disso. Como nos preocupamos com a educação advinda das mídias, a partir de alguns critérios escolhemos três

notícias para analisar nesta pesquisa, são elas: I) Influenciadora morre no DF após procedimento estético para aumentar glúteos (G1, 2024); II) Polícia investiga morte de mulher após fazer procedimentos estéticos por mais de 10h em clínica, no PA (G1, 2024); III) Mulher está em cadeira de rodas e não consegue andar um mês após procedimento estético no Rio (G1, 2024).

Os noticiários, para nós mulheres, têm um teor pedagógico para a necessidade de repensar nossas decisões e escolhas sobre o nosso corpo interpeladas pelos padrões Kehl (2004). É como se as notícias, ainda que assustadoras, tivessem um duplo objetivo: alertar e convidar sobre o tema. Todavia, vê-se que são as consequências de como nos enxergamos e nos comparamos diante dos conteúdos acessados e visualizados pelas mídias e a absorção quase que infiltrável nas Pedagogias Culturais instaladas no âmbito social. Essa situação reforça o quanto os procedimentos estéticos têm sido ilustrados e visibilizado na busca incansável pela (re) construção do corpo para alcançar o padrão social exigido e impostos pelas Pedagogias culturais. Com a modernidade, os artefatos culturais tornaram-se um meio educativo e responsável por disseminar modos de endereçamentos visto como representações, além de conhecimentos e práticas sociais e culturais que foram incorporadas e alicerçadas nos modos de ser e agir das pessoas (Soares, 2008).

Na próxima seção serão discutidos os procedimentos metodológicos primordiais para o andamento desta pesquisa a partir da macro categoria modos de endereçamento (2001) e dos estudos culturais. Além disso, as autoras Naomi Wolf (1991) e bell hooks (2018) estão nessa seção para provocar discussões críticas e promover interpretações acerca das notícias do G1.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O ponto de partida dessa pesquisa foi à seleção de três notícias do site do G1, desse modo, iniciou-se uma pesquisa documental para a exploração desses dados a partir da análise de informações e conhecimentos que são destinados por esses noticiários. “A análise documental favorece a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, entre outros.” (Cellard, 2008 *apud* Sá-Silva et. al 2009). Sendo assim, é notória a relevância social predominante na pesquisa científica associada a documentos, principalmente aqueles ainda não discutidos. Nesse cenário, os documentos trazem assuntos que comprovam fatos e permitem o aprofundamento em conhecimentos pouco explorados, como histórias verídicas, apresentadas para reflexões sociais e entendê-las como uma problemática social.

Diante disso, para o andamento dessa pesquisa documental foi necessária uma aliança com a pesquisa bibliográfica afim de esclarecimentos e estudos sobre o tema em questão nas notícias documentais. Concomitante a isso, a pesquisa bibliográfica que, conforme Fonseca (2002) *apud* Sousa, Oliveira e Alves (2021) é a base para o andamento de todos os outros tipos de pesquisa, a partir do levantamento de dados através da leitura de livros, artigos científicos, teses, leis e outros documentos escritos já registrados e publicados nos sites de pesquisa. Logo, as leituras serviram como aprofundamento nas temáticas, bem como, as discussões no grupo PEPECA tornaram possível a compreensão do assunto a partir dos métodos da pesquisa bibliográfica, leituras e fichamentos. Os/as autores/as Lakatos e Marconi (2003 p.183) *apud* Sousa, Oliveira e Alves (2021, p.67): explicam: “[...] a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob um novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.

A pesquisa bibliográfica é indispensável para construir um trabalho de pesquisa científica e possibilitar o entendimento das questões trazidas pela pesquisa documental. Além do mais, é a partir da coleta desses materiais que inicia a pesquisa, na busca ativa para ler enquanto reflete, tendo assim, repertório para discutir uma teoria, como relata os/ as autores/ as Sousa, Oliveira e Alves (2021). A partir desses tipos de pesquisa é exercido um vínculo e uma familiaridade do/a pesquisador/a com o assunto da pesquisa, nesse caso, para o aprofundamento dos conhecimentos das Pedagogias Culturais, beleza, cultura machista, gênero e feminismo.

Usamos como aporte teórico-metodológico os Estudos Culturais que discutem “[u]ma das estratégias das políticas culturais para a manutenção do *status quo* é a utilização da cultura popular para propagação de estereótipos que valorizam a padronização de gostos, atitudes e pensamentos” (Baliscei, Teruya, 2015). A abordagem é qualitativa com o método dedutivo a partir da análise de trabalhos já prontos voltados para o assunto. A análise foi feita a partir dos Estudos Culturais e da macro categoria de análise os Modos de Endereçamento (2001), essa por sua vez, trata-se de um estudo do cinema que exprime maneiras de unir o indivíduo e o social com o intuito de criar relações entre o texto de um filme e o telespectador que o assiste como uma forma de controlar ou interpelar o ser social a uma experiência ou prática apresentada. Dessa forma, entende-se que todos os discursos em circulação no meio social através dos artefatos culturais são detalhadamente planejados para a autoidentificação, ou seja, inicia-se o processo de vínculo dessas práticas sociais a identidade cultural. De acordo com Soares (2008 p.14)

[...] a maioria das decisões sobre a narrativa estrutural de um filme, seu acabamento e sua aparência final são feitos à luz de pressupostos conscientes e inconscientes sobre “quem” são seus públicos, o que eles querem, como eles vêem filmes, que filmes eles pagam para ver no próximo ano, o que os faz chorar ou rir, o que eles temem e quem eles pensam que são, em relação a si próprios, aos outros e às paixões e tensões sociais e culturais do momento.

De igual modo, a pesquisa prossegue verificando em cada notícia **quais endereçamentos estão presentes nas notícias?** E como isso pode ser pedagógico para os/as leitores/as. A análise será feita de todos os elementos que constituem a notícia, desde a contextualização do site que a divulga e todas as informações selecionadas no texto, como também, as imagens elegidas para a divulgação. As seleções das notícias foram conduzidas pelas palavras-chave “procedimento estético” e “mulher”. Por seguinte, outro pré-requisito para a seleção dessas notícias é de que deveriam ser exclusivamente do ano de 2024, data a qual iniciou este trabalho científico. Além do mais, para um aprofundamento enriquecedor com meras repetições de ideias foi entendível que três notícias seriam o suficiente para não se tornar uma pesquisa maçante, inclusive, para trabalhar dentro do tempo disponível para a conclusão dessa pesquisa.

Outrossim, as notícias foram buscadas em setembro com o propósito de que fossem as mais recentes possíveis, sendo elas de junho, julho e agosto, por outro lado, os procedimentos estéticos presentes nas notícias deveriam ser cirurgias plásticas porque proporcionaria determinados impactos sociais para os/as leitores (as). Contudo, as notícias precisavam ter

semelhanças entre si, no caso a realização de procedimentos estéticos para se vê bem, no entanto, era necessário que as protagonistas tivessem idades diferentes, entendendo que essa problemática da aparência afeta mulheres de todas as idades, nesse caso, os números foram 25, 33 e 51. Entretanto, foi importante que as notícias apresentassem um texto contundente com a discussão, além do mais, imagens das vítimas para compreender como os noticiários ao escrever a matéria estavam visualizando as vítimas. Por isso, o principal foco foi de que as três notícias tivessem sido publicadas pelo mesmo jornal a fim de padronizar e concluir ideias e resultados.

Destarte, segundo o próprio portal G1 o site atinge em média mais de 55 milhões de usuário acessam por mês. Em razão disso, foi definido o site de pesquisa G1 exclusivamente pelo vínculo com a rede de TV brasileira Globo, canal aberto do qual já esteve no ranking de audiência com a média de 19,5 segundo o site Brasil Paralelo. Condizente a isso, o G1 foi selecionado levando essa situação em consideração. Visto que, G1 e rede Globo TV são artefatos culturais associados, o primeiro veicula jornais, o segundo possui um emaranhado de artefatos culturais e modos de endereçamentos como filmes, novelas, jornais, publicidades e propagandas que trazem um caráter educativo para os/as telespectadores (as) que os assistem. Logo, sabido que os artefatos culturais são responsáveis por propagar estereótipos e dispõe lucros para aqueles que compactuam com essas pedagogias culturais.

O recorte temporal foi o ano de 2024, ano em que este trabalho científico foi iniciado. Para interpretação das notícias, utilizamos as teorizações feministas, especialmente Naomi Wolf (1992) e bell hooks (2018). Entendemos que a cultura tem uma forte interpelação sobre a vida do/a cidadão/ã, pois é regida pelo capitalismo e tem em sua composição a manutenção das relações de desigualdades sociais por completo tanto econômica quanto pela idade, sexo, gênero, raça e etnia.

Os trabalhos precursores dos EC, apesar de não serem unívocos em suas perspectivas de problematização, estão unidos por uma abordagem cuja ênfase recai sobre a importância de se analisar o conjunto da produção cultural de uma sociedade – seus diferentes textos e suas práticas – para entender os padrões de comportamento e a constelação de ideias compartilhadas por homens e mulheres que nela vivem. (Costa, Silveira, Somer, 2003, p.38).

Para compreender a “constelação de ideias” do G1 sobre os procedimentos estéticos, estudamos as Pedagogias Culturais, que estão incorporadas nas pedagogias do presente, que entende a educação para além dos muros da escola. Camazzato (2014, p.3) reverbera sobre a pedagogia do presente como a “[s]ociedade da imagem, do espetáculo, do consumo, de

controle, etc., são conceitos urdidos frente ao que desponha nos dias de hoje”. No entanto, o principal enfoque dessa pesquisa são as Pedagogias Culturais, pois são os aspectos culturais que nos fazem sermos quem somos e desejarmos o que desejamos. Logo, refere-se à interpelação a qual sofremos sem sequer notarmos, como quem é coagido a seguir a moda e os gostos da época por um viés que denota lógica.

As Pedagogias Culturais são saberes e práticas que correspondem à produção de conhecimentos e tradições que criam um determinado discurso operando sobre si e o outro, com fito de se tornarem alguma coisa e a um grupo. Isto está intrinsecamente ligado à Pedagogia Cultural que é uma norma de educação experienciada nos ambientes sociais e até mesmo virtuais como menciona os autores Castro (2014, p. 580) apud Steinberg (1997, p. 101):

[...] de que a educação ocorre numa variedade de locais sociais, incluindo a escola, mas não se limitando a ela. Locais pedagógicos são aqueles onde o poder se organiza e se exercita tais como as bibliotecas, TV, filmes, jornais, revistas, brinquedos, anúncios, videogames, livros, esportes, etc...

A importância desse tipo de pesquisa é tornar o conhecimento acessível de modo que proponham uma diversidade de trabalhos com óticas que se diferenciam conforme a visão de cada um dos/as autores/as que abordaram. Para Boccato (2006) [...] a pesquisa bibliográfica busca o levantamento e análise crítica dos documentos publicados sobre o tema a ser pesquisado com intuito de atualizar, desenvolver o conhecimento e contribuir com a realização da pesquisa. Com a temática definida e delimitada, o pesquisador terá que trilhar caminhos exclusivamente para desenvolvê-la Fonseca (2006) apud Sousa, Oliveira e Alves (2021, p.67). Desse modo, entendem-se como um processo contínuo os estudos sobre o assunto para acrescentar novas informações ou melhorar as anteriores.

Entretanto, esse estudo se fundamenta nas relações elaboradas entre os indivíduos e os Modos De Endereçamento plantados conscientemente e inconscientemente nas vivências contemporâneas. Esse aparato está intrinsecamente dentro das produções midiáticas que revelam em nossas identidades desejos por pertencimento ao que está em circulação no mercado. Como relatada a autora Silva (2001, p. 13):

[...] os teóricos do cinema começam a ver o modo de endereçamento menos como algo que está em um filme e mais como um evento que ocorre em algum lugar entre o social e o individual. Aqui, o evento de endereçamento ocorre, entre o texto do filme e os usos que o espectador faz dele.

As Pedagogias Culturais constroem as identidades de gêneros dos sujeitos através de práticas educativas que compõem significados propostas pelos artefatos culturais como mídias, notícias, propagandas dos quais produzem sentidos e significados que interpelam em seus comportamentos, pensamentos, desejos e valores.

Uma vez que essas pedagogias operam através de relações de poder e definem o que fica acima e o que ficará abaixo tomando um determinado grupo como referência, ou seja, favorecem alguns e oprimem outros, por causa do seu gênero, raça, classe, etnia e sexualidade (Silva, 2001). Além disso, as práticas sociais e culturais dos sujeitos são motivadas por esse sistema social que modela suas ideias e ideais, opiniões, padronização de gostos e interferem na formação de identidades sociais. O exemplo disso são as divisões e as segregações de gênero, o sexismo, também advém da manutenção desse sistema. “O desenvolvimento dos meios de comunicação e sua introdução na produção cultural têm fornecido “modelos” de como ser homem ou mulher, de comportamentos aceitos ou não” (Soares, 2008, p.50). Todavia, as expressões dos sujeitos são moldadas pelo meio em que está inserido e nenhuma escolha é livre de intervenções culturais propostas pelas mídias digitais.

Na seção seguinte é apresentada uma relação das notícias com os padrões estéticos femininos que são impostos cotidianamente às mulheres e o quanto eles são variáveis ao longo do tempo e causa o aprisionamento da subjetividade feminina à ideia da beleza.

3. MULHERES E PROCEDIMENTOS ESTÉTICOS

Esta seção articula as teorizações feministas às três notícias selecionadas refletindo sobre quem as notícias pensam que os/as leitores/as são. O título da seção questiona uma constante do universo feminino em que a beleza está associada ao sofrimento e que vale tudo para alcançar os padrões estéticos impostos como se eles fossem o patamar necessário para elas conseguirem evoluir enquanto espécie, ainda que “[a] antropologia derrubou a teoria de que as fêmeas teriam de ser ‘belas’ para serem selecionadas para reprodução” (Wolf, 1992, p. 29). O ideal físico, amplamente divulgado, deixa as mulheres vulneráveis porque ora precisam ser virgens, ora mais jovens, ora ter seios protuberantes, ora arredondar os glúteos. Os padrões mudam, mas as exigências acerca do corpo feminino se atualizam, mas não cessam. Nas próximas linhas, há a separação em três subtópicos, cada um com uma notícia e a análise sobre ela.

Na seguinte seção é exposto a exploração do corpo feminino a partir do consumo de procedimentos estéticos e como eles podem provocar situações irreversíveis, visto que, a mulher da notícia analisada, Aline Maria Ferreira, estava disposta a fazer parte de uma determinada narrativa específica para sentir-se bela. Dessa forma, é ressaltado como o patriarcado, o capitalismo e os artefatos culturais exprimem ideias e ideais que interpelam as identidades dos sujeitos visando lucros e a manutenção da submissão feminina, além disso, como as perspectivas feministas podem modificar esse quadro.

3.1 INFLUENCIADORA MORRE NO DF APÓS PROCEDIMENTO ESTÉTICO PARA AUMENTAR GLÚTEOS

Este subtópico analisa a notícia intitulada “Influenciadora morre no DF após procedimento estético para aumentar glúteos”, publicada no G1 em três de julho de 2024. Com o avanço da industrialização, o sistema fabril exigia da sociedade novas formas de arrecadação lucrativa, então, uma alternativa para a evolução do capitalismo foi a criação do código da beleza (Wolf, 1992). Dessa forma, não raro, mulheres desconhecidas de várias partes do país e do mundo conectam entre si através de gênero e de suas histórias, mas algo se repete: a inconformidade corporal. Então, mulheres, no caso deste trabalho, brasileiras de todas as idades, raça, formas e biótipos, sejam gordas ora magras, brancas ou pretas, fantasiam um corpo moldado pela medicina e vendido pelo capitalismo. Nessa perspectiva, entende-se como fundamental conhecer o contexto social da notícia abaixo, a partir das

prerrogativas das teorias feministas como o caminho para a consciência crítica frente ao que está naturalizado no corpo, sobretudo, das mulheres: as intervenções cirúrgicas.

Figura 1: notícia e imagem de DF

DISTRITO FEDERAL

Influenciadora morre no DF após procedimento estético para aumentar glúteos

Aline Maria Ferreira tinha 33 anos. Procedimento foi realizado em clínica de Golânia e ela morreu em hospital particular de Brasília.

Por Afonso Ferreira, Caroline Cintra, Marcella Rodrigues, Marcus Barbosa, TV Globo e g1 DF
03/07/2024 15h11 - Atualizado há 7 meses

[Ver resumo](#)



Influenciadora Aline Maria Ferreira morreu no DF após fazer cirurgia estética — Foto: Reprodução/Redes sociais

Fonte: G1, 2024.

A notícia acima nos remete à concepção de que o corpo da mulher é moldável porque é insuficiente. O auto-ódio é o mecanismo encontrado para controlar as mulheres (Hooks, 2018). Nesse sentido, é fundamental discorrer o processo histórico sobre a vida e a luta das mulheres a partir de perspectivas feministas, uma vez que “[o] pensamento feminista nos ajudou a desaprender o auto-ódio feminino. Ele nos permitiu que nos libertássemos do controle do pensamento patriarcal sobre nossa consciência” (Hooks, 2018, p. 35). As implicações que surgiram a partir do século XX, com a ascensão das tecnologias digitais, contribuíram para o nascimento de um novo modelo de mercado de trabalho. A inserção modificou o modo de vida profissional e social dos indivíduos até os dias atuais, terceira década do século XXI. Não obstante, o modelo de economia do Brasil é o capitalismo, o responsável pela hierarquização econômica, de gênero, raça, etarismo, etnia e divisão de classes, uma vez que o referido modelo se articula ao patriarcado, à desigualdade social, de

gênero e ao racismo estrutural. Em detrimento disso, a burguesia foi realçada tornando a esfera familiar uma mercadoria e o local apropriado de iniciação a opressão das mulheres, origina a mística feminina⁷.

Nessa ótica, houve uma repartição entre privado e público (Rago, 2001), o primeiro associado à esfera social doméstica, à família, ao exercício e à manutenção dos cuidados com a casa e os filhos, espaço destinados ao confinamento das mulheres sob o discurso do instinto materno feminino, inclusive, vocação como afirma Castañeda (2006). No segundo caso, direcionado a esfera pública, a economia, a política, a vida profissional, a liberdade, a estarem em livre circulação com acesso as atividades econômicas, políticas e sociais foram estabelecidas para o gênero masculino, branco, cisgênero e heterossexual, de classe abastada. Isso é comprovado na análise de Rago (2001, p. 61): “Desestabilizou as tradicionais definições das identidades de gênero – que destinavam rigidamente o espaço público para os homens e o privado para as mulheres –, revelando a hierarquização, as relações de poder e a misoginia nelas contida”.

Diante disso, os artefatos culturais, como as mídias, as novelas, os filmes, as redes sociais, que funcionam como estímulos sedutores para essas mulheres se encaixarem no ideal de perfeição propagado tanto pelo capitalismo como pelo patriarcado. Todavia, cria-se um projeto de construção e reconstrução de um corpo perfeito para alcançar a beleza imposta socialmente para que as mulheres se sintam constantemente fora de moda, fora de forma, fora. Os/as autores/as como Kataob (2024), Ellswort (2001), Kehl (2004), Veirman, Cauberghe e Hudders (2016), Souza (2022) explicam como as mídias digitais incitam o descontentamento com o próprio corpo e a naturalização de procedimentos estéticos excessivos. A história de Aline, 33 anos, conforme Figura 1, é mais uma dentre as inúmeras histórias brasileiras e mundiais já ocorridas nas quais os finais são pouco divulgados e também discutidos. Ela foi convencida pela cultura a ver-se “fora”, numa determinada falta em si, nessa ótica, sujeitou-se a injetar uma substância conhecida como PMMA⁸ nos glúteos o que levou à sua morte. A aparição sobre o fim trágico da vida de Aline tornou-se pública porque ela era alguém muito conhecida por um grupo de pessoas que seguiam o seu trabalho nas redes sociais. Desse modo, caímos na armadilha da beleza, da qual tem se tornado o principal sentido da vida de muitas pessoas, objetivando ser parte de um grupo específico destacado pelas mídias. Na

⁷ É a ideologia traçada de que a vocação da mulher é ser confinada ao espaço doméstico, bem como, biologicamente nascida para exercer a maternidade, executar trabalhos domésticos, acatar consumismo desenfreado e a compulsão pela beleza (Wolf, 1992).

⁸ O polimetilmetacrilato é uma substância utilizada em áreas do corpo e do rosto para preenchimento durante a realização de procedimentos estéticos (CNN Brasil, 2024).

busca para viver a utopia sentimental narrada de sentir-se bem consigo mesma, as mulheres são convencidas a aderirem aos procedimentos estéticos como forma de pertencimento ao mundo. Para elas, parece uma escolha aderir ou não às cirurgias, mas não pode ser uma opção se, em diversos momentos, por diferentes sujeitos, é dito que há formas de melhorar o que se é.

Desde a infância, as meninas são ensinadas a serem esteticamente preocupadas em agradar um padrão. Um laço, uma pulseira, o furo do brinco na orelha feito sem consentimento, os sapatos apertados, os vestidos limitados são adereços que vão ensinando, pedagogicamente, aquele corpo a ser algo que ele não é Balisceci (2022). Na imagem 1, a felicidade de Aline Maria contrasta com a manchete que noticia seu falecimento. É possível visualizar que houve uma preocupação com a seleção da foto da influenciadora. Embora, a manchete relate um falecimento, ocasionado por procedimento estético, o que pode chamar a atenção dos/as leitores/as é a imagem, os elementos usados no noticiário é como se fosse um eufemismo padrão apenas para informar de forma soprada e não com o objetivo de conscientizar.

Em outras palavras, a foto que inspira beleza chama mais atenção do que o título longo e desinteressante. Neste sentido, pode ser que a notícia seja endereçada às pessoas que queiram aderir aos procedimentos estéticos a partir de dois ângulos: 1) como alerta para os perigos de uma cirurgia eletiva, causando pânico social; 2) como uma forma de chamar a atenção para a beleza de Aline Maria, que mesmo bela e feliz, não estava convencida disso e, portanto, poderia servir de inspiração para aquelas que também estão insatisfeitas.

A ideia de beleza feminina, promovida pela indústria da beleza fatura lucros inimagináveis e vem sendo usada como forma de controle, dominação e discriminação das mulheres. Segundo Wolf (1992), iniciou a qualificação de beleza profissional (QBP) que tornava a beleza um pré-requisito para ocupar determinado cargo. Além disso, Wolf (1992) analisa que surgiram pelo menos três mentiras vitais. A primeira de caráter discriminatório seria de que a beleza é indispensável para a ascensão e o poder da mulher, pois se trata de uma qualificação legítima. A segunda de que com criatividade e dedicação, todas as mulheres seriam capazes de alcançar a beleza. A terceira de que as mulheres deveriam pensar na beleza como algo que desmontasse, em passo a passo, e faria adquirir uma mentalidade da qual a consequência seria o sucesso do movimento das mulheres.

Nesse viés, é possível constatar que mesmo diante dos avanços feministas, nós ainda estamos em um formato de sociedade que fragiliza os nossos corpos e rostos. Portanto, a

notícia indica a “[...] volta como uma vingança, imagens sexistas de beleza feminina abundavam e ameaçavam desfazer grande parte do progresso alcançado pelas intervenções feministas” (Hooks, 2019, p. 61). Desde a (des) colonização do país pelos portugueses em 1500, os europeus se tornaram figuras pedagógicas na história do país a partir da catequização, de acordo com Núñez (2023). Com o tempo, a cultura e os fenótipos europeus foram valorizados a ponto de se tornarem princípios e padrões de beleza. O projeto de feminilização denota como mulheres e meninas devem ser e o que devem usar, qual deve ser o seu temperamento, de preferência calma e tranquila, usar maquiagens e acessórios. Há demarcações de roupas, objetos, embalagens, comidas, produtos que vinculados à cor rosa é destacado como feminino, somos empurradas a se curvarmos ao binarismo, as expressões e a identidade traçada para esse gênero que definem esses artefatos como feminilidade (Baliscei, 2022).

Além disso, estão outras marcações de feminilidade como corpos magros, cabelos lisos, compridos e loiros, glúteos, seios, depilações, hidratações, sobrancelhas e unhas feitas e outras formas e curvas que desnaturalizam a condição feminina Beraldo (2014). Quando nós buscamos se adequar a um padrão de beleza, estereotipado vistos nas mídias, estamos contribuindo com o sistema e a sociedade patriarcal na manutenção da dominação masculina e fortalecendo a subordinação feminina. As mídias, publicidades e a indústria de cosméticos faturam cotidianamente da exploração feminina a partir de acessórios, cirurgias plásticas e todos os outros adereços que definem como feminilidade. Por isso, todos esses adereços, em especial, a prática de cirurgias plásticas tem sido associada a um ideal de feminilidade a ser alcançada para não ser vista como um corpo fora dos padrões sociais Kehl (2004).

Por outro lado, os/as autores/as Baliscei e Teruya (2015, p.29) relatam que “[o]s artefatos da Cultura Visual estão presentes nas imagens que compõem as vitrines das lojas, as revistas, o cinema, os cartazes, propagandas, embalagens e demais representações que constituem a paisagem urbana pós-moderna.” As imagens transmitidas são classificadoras e tem o objetivo de generificar e induzir os sujeitos a projetarem suas vidas nos modelos que lhe são apresentados. Desse modo, Aline Maria, foi atraída por imagens que fugiam do seu corpo e da realidade de sua identidade, foi aprisionada nos paradigmas capitalistas que predominam a padronização de corpos, gostos e da interpelação pelo que é considerado belo. Enquanto isso, a influenciadora era motivo de inspiração para mais de 50 mil pessoas em sua rede social, era acompanhada por milhares de outras mulheres da qual já a viam como um padrão de beleza.

Baliscei e Teruya (2015, p.29) explicam que são “pedagogias porque propagam os conteúdos e oferecem modelos que ensinam como meninos/as e homens/mulheres devem ‘se comportar’, o que ‘devem usar’ e que ‘locais’ devem frequentar.” Esses artefatos estão apresentados nas instâncias sociais, a princípio, a família, como também, outras instâncias provenientes das Culturas Visuais como mídias, livros, cinema, propagandas, televisão, igrejas, escolas dentre outros meios de comunicação que juntamente remetem estigmas que se instalaram como pedagogias, tornando-se hábitos, moldando as formas de ver e enxergar o mundo, o corpo, o gênero, os valores e os objetivos de vida. Não obstante, para nós mulheres, de todos os nomes e todas as idades têm se tornado difícil aceitar as próprias características em um modelo de cultura que incide o ódio a si mesma, nossas inseguranças e sonhos são depositados em como a nossa aparência tem sido visualizada. Isso porque engessam e condicionam características físicas e expressões de gênero no indivíduo.

Importante ressaltar que a Aline Maria, da Figura 1, era uma mulher branca e Hooks (2019, p. 89) analisa nos Estados Unidos, mas podemos refletir sobre o Brasil que “[t]odas as mulheres brancas desta nação sabem que a branquitude é uma categoria privilegiada”. Por isso, perguntamos: se fosse uma mulher preta morta durante um procedimento estético, o caso seria notícia? As dinâmicas sociais desse sistema patriarcal, que também é racista, ferem as relações entre os gêneros no âmbito profissional e social culminando para a desigualdade de gênero e para a opressão feminina. Sendo assim, limitam a capacidade feminina, subestimam a inteligência e habilidades como se pudessem fazer a manutenção do poder branco, masculino, cisgênero. De acordo com Beraldo (2014), a feminilidade tem sido evocada por padrões estéticos que vão além de roupas, criaram-se um padrão de cabelo, de pelos, de cílios, sobrancelhas, unhas, de cor da pele, e tudo o que favoreça a indústria dos cosméticos e tornem a inferiorizar o modo plural de ser mulher.

Segundo Rago (2001), as mulheres conquistaram muitos espaços sociais, nunca ocupados antes, cargos de poder, houve mudanças nas relações de gênero, fizeram os homens refletirem, no entanto, raras vezes o feminismo foi apontado como o principal produtor de mudanças positivas. Nessa conjuntura, entendemos que o feminismo contribuiu com conquistas significativas propondo consciência crítica e igualdade de gênero em todas as esferas sociais. Portanto, a notícia da figura 1 considera o/a leitor/a parte do sistema que opera com padrões específicos de beleza, os quais o feminismo questiona, mas ainda vulnerabilizam as mulheres, porque as deixam suscetíveis à aprovação externa. Pedagogicamente, a referida notícia ensina que há erros, equívocos e mortes na adesão aos procedimentos estéticos, mas

também ensina que há uma outra tendência do mercado da beleza, a modelação dos glúteos. Para quem não sabia sobre o tema, a notícia serve de convite, em vez de alerta.

Tabela 1: fatores negativos das pedagogias culturais apresentadas nesse tópico

• Código da beleza
• Desigualdade Social, de gênero e raça
• Patriarcado
• Capitalismo
• Padrões estéticos
• Exploração feminina
• Sexismo
• Procedimentos estéticos
• Misoginia
• Projeto de feminilização
• Publicidades destinadas à aparência
• Propagandas destinadas à aparência
• Qualificação da Beleza Profissional

Fonte: Elaboração Própria

Na seção posterior é exposta sobre o estereótipo da beleza e como a divisão de gênero, a misoginia e o etarismo estão contidos no discurso vendido da aparência impecável. Desse modo, expõe como as Pedagogias Culturais e os Modos de endereçamentos atuam nas identidades femininas manifestando hábitos, costumes e práticas que não são internas, mas sim externas estimuladas pelo ambiente social.

3.1 POLÍCIA INVESTIGA MORTE DE MULHER APÓS FAZER PROCEDIMENTOS ESTÉTICOS POR MAIS DE 10H EM CLÍNICA, NO PA

A forma como as pessoas pensam e como se veem não são exatamente manifestações internas, tem embasamento dos Modos de Endereçamentos sutilmente explanado em filmes, novelas, jornais e redes sociais (Ellsworth, 2001). Eles são pensados, planejados e direcionados aos públicos específicos com o objetivo do/a telespectador/a se autoidentificar de modo voluntário ou involuntário, porque ele/a quer participar da sociedade, quer ter o sentimento de

pertença. Isso ocorre como estímulos sedutores os quais as mensagens midiáticas oferecem privilégios para aqueles/as que se enquadram nas narrativas de gêneros, gostos, status sociais, nacionalidade e raça (Ellsworth, 2001). No entanto, são identidades selecionadas, aquelas narrativas vistas com semelhanças são produzidas de modo que enalteça um grupo de pessoas e excluem ou até ridicularizem outros grupos. Diante disso, a notícia abaixo, Figura 2, evidencia uma associação entre gênero e geração.

As diferenças de gênero, raça/etnia, classe e geração podem ser produzidas, ampliadas e/ou reproduzidas pelas mídias, dependendo de seus interesses políticos, comerciais e culturais. Neste sentido, podemos ser interpeladas pelo conteúdo midiático, que nos ajuda a compor nossos modos de existência, nossas concepções de mundo (Accorsi, 2021, p. 185).

Diante disso, a mídia propaga imagens e ideias mercadológicas e utópicas de “evolução” a serem seguidas para ter uma aparência impecável que, no fim, nos tornamos prisioneiras dos estereótipos absurdos disfarçados de beleza feminina. Em virtude disso, Maria Leonice de 51 anos foi orientada pelos artefatos culturais a aderir aos procedimentos estéticos, porque o envelhecimento feminino não é autorizado pelo patriarcado.

Figura 2: notícia e imagem de PARÁ



Fonte: G1, 2024

Maria Leonice havia depositado a sua felicidade e a busca pela autoaceitação na realização de três cirurgias plásticas como: lipoaspiração, mamoplastia e abdominoplastia que a fizeram evoluir a óbito. Outrossim, essa problemática social é reforçada por Wolf (1992, p.12) sobre como o mito da beleza nos envolvem e nos controlam:

Pesquisas recentes revelam com uniformidade que em meio à maioria das mulheres que trabalham, têm sucesso, são atraentes e controladas no mundo ocidental, existe uma subvida secreta que envenena nossa liberdade: imersa em conceitos de beleza, ela é um escuro filão de ódio a nós mesmas, obsessões com o físico, pânico de envelhecer e pavor de perder o controle.

Embora, nós mulheres cuidemos da pele, do corpo, do cabelo, do rosto, ainda sim, vão nos fazer acreditar que não é o suficiente, que há mais para ser feito. Maria Leonice é mais uma das mulheres perseguidas pelo patriarcado que exige delas – ao mesmo tempo que promete – a juventude permanente.

A referida notícia não propõe conscientização, reflexão, ela organiza os numerais de forma que idade, 51 anos, e tempo de cirurgia, 10 horas, sejam estarrecedores, mas também invocadores da concepção de que quanto antes realizar o procedimento pode haver mais chances de se manter viva no pós-cirúrgico. Entretanto, a história de Maria Leonice e as outras mulheres se unem tanto por questões políticas quanto sociais, em razão da divisão sexista que aprisiona homens e, principalmente, mulheres que cotidianamente vivem empurradas aos padrões de como ser esteticamente bonita e ao trabalho doméstico irreconhecível e não remunerado. Com fito de satisfazer o sistema patriarcal e perpetuar a exploração e submissão do corpo feminino, a partir da dependência financeira e do aprisionamento da subjetividade dentro do lar, como único espaço possível de exercício do viver, ideologia reconhecida como mística feminina. Por outro lado, a maneira de domesticação do corpo feminino tem evoluído continuamente para o mito da beleza, o mesmo sistema de exploração.

“Ultimamente, olho no espelho e tenho tanto medo de ficar parecida com a minha mãe” (Wolf, 1992, p. 14). Perante a isso, vê-se a problemática desse pensamento estereotipado do qual manipulam a trajetória de vida de muitas mulheres, menosprezando o ciclo normal da vida, o envelhecimento, como se fosse um caminho relativamente oposto ao código da beleza. Maria Leonice, de 51 anos, pode ter acreditado no dogma misógino que

envolve etarismo⁹, em vista disso, idealizou características jovens como conceito de beleza. Essa epidemia trajada de beleza feminina é um mito plantado e regado diariamente pelos artefatos culturais que definem como deveria ser o nosso corpo. De acordo com Beraldo (2014, p. 13)

A indústria da beleza cresce (ava\$\$aladoramente) em cima da insatisfação com seu corpo, e fomentando modelos “aceitáveis” e não naturais. Depilação, academia, bronzeamento, hidratação, esteticista, cirurgia, cabeleireira, manicure, pedicure, maquiagens, perfumes, cremes, moda. Endividamento. E mais insatisfação. Proposital. Repulsa e ódio ao próprio corpo antiestético.

Concomitante a isso, estar fora dele, faz acreditar não ser boa o suficiente para amar a si mesma ou ser amada da forma que é, e dificilmente ser vista socialmente com outros olhares que não sejam de julgamento. A notícia apresenta, portanto, uma contradição: ela anuncia que uma mulher morreu em busca de exibir-se mais jovem e, ao mesmo tempo, ilustra uma imagem de uma mulher feliz, sem rugas, sem cabelo branco, sem qualquer elemento que lembre o envelhecimento. A contradição da notícia pode ter sido proposital porque confundir os/as leitores/as também é uma forma de fazer imperar o padrão, os estereótipos, o mito da beleza.

Para as mulheres predomina a ideia de que a mudança é um convite para a satisfação, então, são somente alguns recortes e costuras, a beleza não dói, o que dói é ser mulher nesse cenário misógino. É entendível que o conceito de beleza foi estereotipado ao longo do tempo e as principais vítimas foram - e são as mulheres. Perante a isso, propositalmente o nosso corpo tem sido aludido a corpos não humanos e, a nós, é vendida diariamente a ideia de que estaríamos em forma se fossemos cópias de bonecas. Maria Leonice convenceu-se que para ter uma vida feliz precisaria obter esse corpo de boneca e, assim, poderia exalar beleza e feminilidade. Para Wolf (1992), a nossa identidade tem sido limitada à aparência, nos deixando frente à opinião alheia, fragilizando o nosso amor-próprio.

Desse modo, é indispensável reforçar a divisão de gênero como um dos princípios desse deslocamento entre o humano e a fantasia que moldam, reprimem e preveem o destino de cada indivíduo apenas pelo gênero que lhe é imposto. Ainda, a misoginia pode ser reparada quando um homem tenha maneiras ou hábitos que se relacione ao que é culturalmente feminino, logo, se torna motivos de chacotas e de inferioridade.

⁹ Etarismo: Refere-se ao preconceito contra a idade e se manifestam em diferentes conjunturas que inferiorizam princípios, ideias e condutas de pessoas jovens e idosas, sendo mais corriqueiro em pessoas mais velhas (CNN Brasil, 2023).

Destarte, se às mulheres são indicados comportamentos envoltos por maquiagens, acessórios e similares, determinado pela cultura capitalista os ideais de consumismo feminino, elas são julgadas de modo que as coloque em um lugar vexatório de existência. Deste modo, as Pedagogias Culturais da notícia orientam uma confusão de significados que assolam os temas do rejuvenescimento, da falta de características da velhice, a morte como fim do processo de busca de beleza. A notícia da Figura 2 endereça que não há idade para a busca pelo padrão, na mesma medida orienta o/a leitor/a se atentar às suas próprias tendências ao desagrado. É como se a notícia proporcionasse uma dupla interpretação: ela parecia “tão jovem”, mas era “tão velha”. O rosto de Maria Leonice é, portanto, dubio endereçado àqueles/as que desejam informar-se sobre procedimentos estéticos.

Tabela 2: fatores negativos das pedagogias culturais apresentadas nesse tópico

• Modos de endereçamento
• Estereótipos
• Cirurgias plásticas
• Mística feminina
• Indústria da beleza
• Etarismo
• Divisão de gênero
• Definição da juventude como conceito de beleza

Fonte: elaboração própria

Na seção seguinte são compreendidos os padrões estéticos como originário da domesticidade feminina e desigualdade de gênero do qual limitam a condição feminina e as impõe em situações de subalternidade, nas tentativas corriqueiras para se encaixar em determinados discursos que comprometem corpo e mente. Além disso, como a mídia contribui para a construção de paradigmas e preconceitos que menosprezam as variações de corpos e incitam o descontentamento feminino.

3.2 MULHER ESTÁ EM CADEIRA DE RODAS E NÃO CONSEGUE ANDAR UM MÊS APÓS PROCEDIMENTO ESTÉTICO NO RIO

Este subtópico problematiza a notícia da Figura 3, que nos remete às discussões de Valeska Zanello (2022), em que a autora analisa que a misoginia pode ser apresentada de modo agressivo e sutil. Na Figura 3, interpretamos que ela ocorre das duas maneiras, agressiva, uma vez que a fotografia da notícia expõe uma mulher, que estava preocupada com sua aparência, tanto que realizou procedimentos estéticos, de um modo vexatório, deitada na horizontal. E, ainda, de modo sutil porque parece ser um alerta, mas narra e exibe a mulher como um objeto paralisado tal como anuncia a manchete. Nós mulheres, assim como Ester Maia, a personagem da notícia, somos alvos da misoginia agressiva ou sutil. Mesmo com 25 anos, a mulher mais jovem dos noticiários selecionados dessa pesquisa, motivou-se a realizar os seguintes procedimentos estéticos: redução de celulites e gordura localizada na barriga o que ocasionou problemas em sua saúde, sendo necessário o uso de cadeira de rodas temporariamente e fisioterapia para recuperação.

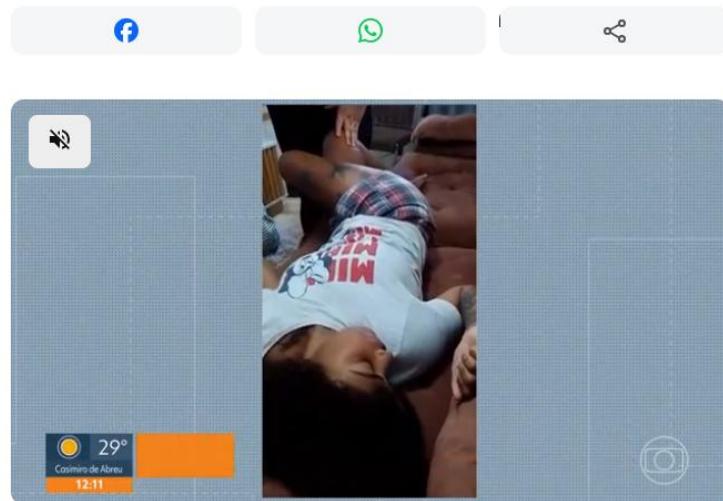
Figura 3: notícia e imagem do RJ

RIO DE JANEIRO

Mulher está em cadeira de rodas e não consegue andar um mês após procedimento estético no Rio

Segundo a vítima, exame constatou nódulos e cistos. Agora, ela precisa de fisioterapia. Caso é investigado pela 41ª DP (Tanque).

Por Lucas Madureira, Catharinna Marques, Rj1
25/06/2024 12h56 · Atualizado há 7 meses



Ao término do procedimento estético, a mulher foi parar no hospital no Rio

Fonte: G1, 2024

Diante desse fato, vê-se a banalização da integridade física das mulheres ao ser retrata no noticiário. Perguntamos ao refletir: será que Ester Maia gostaria de ser conhecida nacionalmente por meio desta imagem? Desta notícia? A jovem desejou, como tantas outras, fazer parte de um grupo sem celulites, como nas publicidades de cosméticos, as peles amostras são macias, lisas e sem marcações naturais por causa das edições, na maioria das vezes, situações desconhecidas pelos/as interlocutores/as. A ideia vendida da barriga chapada com percentual muito baixo de gordura como algo saudável e padrão alcançável impulsionam as pessoas a buscarem alternativas imediatistas. De igual modo, declinam os desejos por fazerem partes de narrativas associadas à gordura, porque ninguém quer passar pelo preconceito da gordofobia. A notícia endereça pressupostos da sociedade da magreza, porque, assim como a anorexia se tornou um lugar comum, no século XX, os procedimentos do século XXI, que prometem o corpo magro, “[...] nenhuma previsão assustadora funciona para intimidar as mulheres que acreditam que sua dignidade, sua beleza e seu valor intrínseco serão determinados pelo fato de serem ou não magras” (Hooks, 2019, p. 61).

A mídia é responsável por veicular esses discursos que propagam significados, identidades e sujeitos (Fisher, 2001 *apud* Beraldo, 2014). Ester Maia, uma jovem preocupada com a beleza buscou caminhos para que a sua imagem transbordasse a feminilidade vendida pelos artefatos culturais. A promessa de alavancar a autoestima e o amor próprio culminou na exposição de Ester Maia em um momento de completa fragilidade, exatamente mesmo diante da situação vexatória para uma mulher vaidosa, a notícia ainda endereça: ela teve um diferencial, ela sobreviveu.

Outrossim, em um mundo de tecnologias e fotos, os indivíduos buscam se tornar apresentações e representações, visam ser desejados pelo desespero de serem vistos. O corpo produz, consome e se alimenta de imagens (Takara, 2023). Na figura 3 essa disputa por alcançar uma dada imagem para o corpo é vigente porque as normas de feminilidade são criadas e propagadas pela indústria da beleza, cuja ênfase é preponderante para o gênero feminino. Contudo, sendo umas das formas de manter o controle sobre o corpo feminino, Ester Maia, foi impulsionada para o consumo estético o qual proporciona vulnerabilidade física e emocional às mulheres.

As representações do corpo feminino se dão de forma fragmentada: O corpo feminino que a publicidade revela [...] sofre um processo em que a unidade se perde e as partes prevalecem sobre o todo. A mulher dentro do anúncio existe, sobretudo, aos pedaços - seio, pé, perna, pele, rosto, unha, mão, nádega, olho, lábio, cílio, coxa e o que mais se puder destacar como um quebra cabeças invertido cujas peças desencaixam, escondendo a figura que nunca se forma. (Rocha, 2001, p. 38).

Nesse sentido, isso parte de uma herança histórica da domesticidade e da desigualdade de gênero no qual assolaram espaço para o mito da beleza. Todas as formas de desvalorização, no que se diz comparativo de gênero, exprime uma superioridade entre homens e mulheres, reforçando mais uma forma de opressão as mulheres.

Entretanto, inferem-se a partir da figura 3 como as formas de submissão são historicamente iguais mesmo em situações distintas, as mulheres buscavam determinada validação e acolhimento, mas na maioria das vezes o que se recebe são consequências como no caso de Ester Maia. As notícias do G1 continuam apresentando fatos de forma direta e objetiva, sem sequer dispor de uma opinião para propor ao/a interlocutor/a que exerce uma reflexão sobre o assunto. A notícia mesmo que entregue aos/as leitores/as não os/as atingem, logo, são dissolvidas e esquecidas porque o principal intuito tem sido colocar em circulação e não discutir de forma crítica a problemática a prática de adesão aos procedimentos estéticos.

Nessa perspectiva, é possível reconhecer o quão difícil tem sido a trajetória das mulheres e como todos esses abusos do qual elas categorizaram de acordo com Solnit (2017) como incesto, abuso infantil, estupros, assédios e violência doméstica, além de todas as críticas frente aos processos naturais do corpo, estão alocados no conceito de misoginia e impulsionaram Ester Maia a reparar o corpo.

Conduz uma possibilidade de interpretação do que começou a ser produzido nas redes como uma constituição dos “modos de ser”. Essas afetações parecem alimentar Desespero em uma dinâmica de produção das imagens na tentativa de constituir um corpo e uma subjetividade que tenham respostas positivas para as redes (Sibilia, 2008, p. 15 *apud* Takara, 2023, p.133).

Desse modo, Ester Maia não teria agido por conta própria, a mídia contribui para a construção desses paradigmas e preconceitos que são inviabilizadores do bem-estar físico e mental. A propósito, são falcatrias importantes para a manutenção do sistema capitalista industrial que fatura a partir da exploração e violência dos sujeitos sociais na busca pelo alcance do padrão de beleza e o consumo pelas normas de gênero exigido pela sociedade.

As escolhas de Ester Maia não se trataram de manifestações internas, como ela se via está atrelado às formas de dominação cultural propostas pelo patriarcado e o machismo como estrutura social, é o auto-ódio, que mencionamos anteriormente. Por isso, recorremos à Hooks (2018, p.23) que anuncia: “[a]ntes que as mulheres pudessem mudar o patriarcado, era necessário mudar a nós mesma; precisamos criar consciência”. Diante disso, vê-se a importância da descolonização do machismo que nos aprisiona diariamente em ideais

estéticos a partir de discussões e diálogos. De modo pelo qual sejam estabelecidos conhecimentos através do processo histórico, entendendo as necessidades de reconstruir outras atitudes e crenças para uma cidadania feminista.

Portanto, a notícia enviesa aos/as leitores/as a banalidade das consequências à vida perante os procedimentos estéticos denotando de forma implícita a imposição de que é necessário dâ seguimento ao discurso da beleza mesmo se tratando de que há consequências. A ponto de tornar dispensáveis as histórias de experiências ruins, afinal, são vistas apenas como notícias e experiências individuais, mas uma forma de subordinação e controle das mulheres. Ademais, entendemos o feminismo como um movimento social em busca de conquistas políticas, jurídicas e sociais para a concretização de direitos iguais entre os gêneros e que, sobretudo, visibiliza a mulher como sujeita de direitos (Solnit, 2017; Hooks, 2018). É uma luta de mulheres que notaram a desvalorização imposta a si mesma pelo simples fato de serem mulheres.

É preciso que haja incômodo ao ver a fotografia de uma mulher violada pela medicina estética, que não obstante viola o corpo e, depois, expõe a imagem. O código da beleza tem posto em evidência a problemática de saúde mental e física em nossa sociedade como visto na notícia do G1 da figura 3. “Em 1971, um juiz sentenciou uma mulher a perder um quilo e meio por semana ou ser presa.” (Wolf, 1992). Diante disso, entende-se que essa narrativa persegue as mulheres e se torna ainda assolada pelos avanços da medicina e das publicidades capitalistas do qual encurralam o corpo feminino para recorrer a procedimentos estéticos com objetivo de números e curvas.

[...] os padrões de beleza impostos diariamente nas mídias pelas celebridades levam à incansável busca em atingir a utópica ideia da imagem perfeita, fato que resulta em um grande desafio ao médico para entender a percepção do paciente sobre si e quais as repercussões psicológicas dessa projeção. (Silva et al. *apud* Kataoka, 2024, p.3)

Importante destacar que a fragilidade de Ester Maia foi uma escolha do G1 para apresentar uma mulher em um site da internet, o que demonstra a indiferença da referida mídia em tratar sobre a saúde da mulher (Sardenberg, 2011). Como feministas, queremos Ester Maia viva e digna, pois entendemos que, na sociedade patriarcal, inclusive, as próprias mulheres precisam olhar criticamente para as representações de outras mulheres.

Entendemos que as Pedagogias Culturais da notícia da Figura 3 operam por uma perspectiva de que não é saudável ser mulher, afinal quem gostaria de ser representada no noticiário, deitada, com a pele roxa, aparentemente desmaiada? Elas nos orientam de que ser

mulher dói. Portanto, constata-se que as Pedagogias Culturais presentes na notícia tiveram o objetivo a informar uma experiência de forma inócuas e não esclarecer o quanto nocivo é para a saúde feminina seguir os padrões de beleza.

Tabela 3: fatores negativos das pedagogias culturais apresentadas nesse tópico

• Divulgação de imagem sensível e particular
• Definição da juventude como conceito de beleza
• Preconceito da gordofobia
• Publicidades de cosméticos
• Vulnerabilidade física e emocional
• Domesticidade
• Valor intrínseco: ser magra
• Categorias de violência: incesto, abuso infantil, estupros, assédios e violência doméstica
• Machismo
• Medicina estética

Fonte: elaboração própria

4. ENCERRAMENTOS POSSÍVEIS

Esta pesquisa problematizou os estereótipos culturais que traçam como as mulheres deveriam ser para que consigam se tornarem belas e femininas, em contraste, os paradigmas da beleza inatingível que menosprezam as variações de corpos. Dito isso, vimos que há múltiplas pedagogias que concernem para essa problemática, em especial, as Pedagogias Culturais, responsáveis pela construção de conceitos e normas que se perpetuam ao longo da história e constituem as identidades de gênero dos indivíduos. As mídias, em especial, o jornalismo de internet, demonstram uma indiferença sobre o assunto que associa mulheres aos procedimentos estéticos.

Verificamos, no estudo, que nenhuma das três notícias têm o compromisso de emancipar as mulheres, pelo contrário, servem de estatística de casos de mulheres que podem soar, a partir das representações da manchete e das fotografias, como imprudentes. Em outras palavras, é como se as notícias dissessem: a culpa é delas. Interpretamos, ainda, que a notícia da Figura 1 pode até servir de alerta, mas também abre margem para uma tendência do mercado estético: a modelação dos glúteos.

Compreendemos que a notícia da Figura 2 organiza a idade e tempo de cirurgia de modo que pode levar à compreensão de que a morte é condição associada à velhice. Como se afirmasse, mulheres velhas, morrem. Vimos que o jornalismo opera, de modo proposital, para confundir os/as leitores/as, o que contribui para imperar o mito da beleza. As marcas nos corpos das mulheres mudaram, as exigências do patriarcado e do capitalismo foram alteradas, se, no século XX, o convite era feito à fome, à anorexia, no século XXI, o convite é aos procedimentos estéticos.

Estudamos que as Pedagogias Culturais estão no jornalismo, mas também nos filmes e nas novelas, que definem padrões do que é certo, errado, adequado, inadequado, bonito e feio. Nessa conjuntura, é possível constatar que somos mediados pelo meio em que estamos inseridas e, ainda que não haja relação direta entre as três notícias, nós que a criamos, verificamos uma constante: a desvalorização dos corpos das mulheres.

Compreendemos que as perspectivas feministas são fundamentais para construção das identidades femininas contribuindo para a independência dos corpos e da subjetividade feminina, sabendo que atuam de forma educativa para a erradicação de opressões e normas excludentes a fim de uma sociedade igualitária. As notícias são pedagógicas e deveriam funcionar como alerta para o público, no entanto, a apresentação jornalística não propõe posicionamento algum quanto à problemática. Comprova-se que o principal intuito da notícia

era apenas informar e não problematizar a questão de saúde física e psíquica vinculada ao gênero feminino. Sendo assim, subtende-se a banalização da vida das mulheres já que não foi encontrado elemento para dar margem à crítica à indústria dos procedimentos, apenas parecem casos isolados, em que as responsáveis pelo sofrimento são elas mesmas, as mulheres. Ademais, consideramos que a mídia que informa é a mesma que, indiretamente, divulga a indústria da beleza, visto que, funciona como um artefato cultural estimulante para a prática do código da beleza e das normas de feminilidade.

Destarte, cumprimos o objetivo geral de discutir as notícias do g1 como Pedagogias Culturais que atravessam as formas de ser mulher. Desse modo, articulamos as teorias feministas às notícias refletindo sobre o objetivo atingido através dos estudos das notícias e de teorizações. Alertamos que há relações de poder do capitalismo e da cultura patriarcal nas notícias estudadas que podem, pedagogicamente, servir de referências para as mulheres.

A pergunta que orientou essa pesquisa foi: como as perspectivas feministas podem promover consciência crítica frente às pedagogias culturais que operam na formação das identidades femininas? Defendemos, ao longo do trabalho, que as perspectivas femininas têm caráter educativo e contribuem para a construção e aquisição de conhecimento políticos, sociais, de corpo, gênero e sexualidade que estruturem uma vida mais digna, segura e livre para as mulheres. Entendemos que conhecer os princípios do feminismo é fundamental para aprimorar a identidade das mulheres. Reconhecer como somos exploradas, controladas e inferiorizadas é uma forma de refletir sobre possibilidades de desfazer as amarras que nos prendem.

Debatemos que a construção do código da beleza nos vende imagens, acessórios, sonhos e corpos, que acatamos como nosso a partir das representações que temos acesso. A partir desse tema foi possível pensar sobre como as dinâmicas sociais do sistema patriarcal e da cultura machista ainda operam sobre as mulheres, visto que representa-las como mortas, velhas e acamadas contribui para inferiorização do gênero feminino.

As dinâmicas sociais misóginas incidem na manutenção do sistema capitalista industrial que fatura a partir da exploração e violência dos sujeitos/as na busca pelo alcance do padrão de beleza e performance de gênero exigido pela sociedade e propagado pelo jornalismo.

Harmonização facial, implante de silicone nos seios e glúteos, preenchimento labial, lipoaspiração, mutilações e alterações corporais que merecem nossa atenção porque as mulheres têm sido educadas para aderirem sem reflexão, por isso esse trabalho foi produzido no campo da educação. Não tivemos a pretensão de esgotar a discussão sobre o tema, nem

encerrar as problematizações, porque como foi problematizado no trabalho, as exigências sobre os corpos das mulheres se reinventam com o passar do tempo, da cultura, dos modos estereotipados de ser mulher. Esperamos que esta pesquisa sirva de alerta sobre os procedimentos estéticos, mas também sobre a relevância de aprendermos a ler, criticamente, a mídia.

REFERÊNCIAS

ACCORSI, Fernanda Amorim. Velhices pedagógicas em Grace e Frankie. In: ACCORSI, Fernanda Amorim; BALISCEI, João Paulo; TAKARA, Samilo. **Como pode a pedagogia viver fora da escola:** estudos sobre pedagogias culturais. Londrina: Syntagma Editores, 2021, p. 183-204.

‘A gente quer uma resposta para o que aconteceu’, diz sobrinha de mulher que morreu após cirurgias plásticas, no Pará. G1 PARÁ e TV Liberal: 20 de agosto de 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2024/08/20/a-gente-quer-uma-resposta-para-o-que-aconteceu-diz-sobrinha-de-mulher-que-morreu-apos-cirurgia-plastica-no-pará.ghtml> Data de acesso: 19 de setembro de 2024.

AHAM, André. Clareamento íntimo por luz de LED pode causar danos à saúde da mulher? Viva bem: Uol, 09 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2022/02/09/clareamento-intimo-por-luz-de-led-pode-causar-danos-a-saude-da-mulher.htm> Data de acesso: 20 de novembro de 2024.

AYRES, Nathalie. PMMA: O que é e por que é perigoso para saúde. CNN Brasil, 09 de novembro de 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/pmma-o-que-e-e-por-que-e-perigoso-para-saude/> Data de acesso: 28 de fevereiro de 2025.

BALISCEI, João Paulo; TERUYA, Teresa Kazuko. **Imagens como pedagogias culturais:** considerações sobre construtores/as e intérpretes visuais. v.20, n.33.p. 27-34. Sessões do imaginário: Porto Alegre, 2015.

BALISCEI, João Paulo. “Parabéns, é uma criança”: Cultura Visual (heteroterrorizante) nos Chás de Revelação. In: BALISCEI, João Paulo (org.). É de menina ou menino? Imagens de gêneros, sexualidades e educação. Curitiba: Editora Bagai, 2022, p.18-31.

BERALDO, Beatriz. O que é feminilidade? Papéis sociais e o feminismo contemporâneo. **Comunicon2014**, São Paulo, 2014.

CAMOZZATO, Viviane Castro. Pedagogias do Presente. v. 39. n.2. p. 573-593. Educação e realidade: Porto Alegre, abril/ junho de 2014.

CASTAÑEDA, Marina. O machismo invisível. Trad. Lara Christina de Malimpensa.1 ed. A Girafa Editora: São Paulo, 2006.

COSTA, Sandra Regina Santana. DUQUEVIZ, Bárbara Cristina. PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira. Tecnologias digitais como instrumentos mediadores da aprendizagem dos nativos digitais. **Revista quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v.20, n 3, p.603-610. São Paulo, set./ dez. 2015.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23. p. 36-61, Maio/junho/julho/ agosto, 2003.

Dos lábios ao clitóris: conheça os 6 tipos de cirurgia íntima mais comuns. Viva bem: UOL, 12 de novembro de 2023. Disponível em:

<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2023/11/12/ex-bbb-lethicia-santiago-fez-cirurgia-intima-conheca-os-tipos-mais-comuns.htm> Data de acesso: 20 de novembro de 2024.

ELLSWORTH, Elizabeth. Et al. **Nunca fomos humanos:** nos rastros do sujeito. Trad.Org. Tomaz Tadeu da Silva. Autêntica: Belo Horizonte, 2001.

FERREIRA, Afonso; CINTRA, Caroline; RODRIGUES, Marcella. Influenciadora morre do DF após procedimento estético para aumentar glúteos. TV Globo e G1 DF: Distrito Federal, 03 de julho de 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2024/07/03/influenciadora-morre-no-df-apos-fazer-cirurgia-estetica.ghtml> Data de acesso: 19 de setembro de 2024.

GARCIA, Amanda; AMARAL, Talita; RACIUNAS, Carol. O que é etarismo e como a discriminação por idade impacta a vida de idosos. CNN Brasil: São Paulo, 13 de março de 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saudes/o-que-e-atarismo-e-como-a-discriminacao-por-idade-impacta-a-vida-de-idosos/> Data de acesso: 03 de março de 2025.

GARCIA, Mariana. Mamas, rinoplastia e lipo: Brasil está entre países que mais fazem cirurgias plásticas; veja lista e ranking. G1: 03 de julho de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/saudes/noticia/2022/07/03/mamas-rinoplastia-e-lipo-brasil-esta-entre-paises-que-mais-fazem-cirurgias-plasticas-veja-lista-e-ranking.ghtml> Data de acesso: 20 de novembro de 2024.

Globo registra a pior audiência da história em São Paulo. Brasil paralelo. 5 de fevereiro de 2025. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/globo-registra-a-pior-audiencia-da-historia-em-sao-paulo> Data de acesso: 08 de abril de 2025.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo:** políticas arrebatadoras. Trad. Ana Luiza Libânia. 1ª ed. 1º cap. Rosa dos tempos: Rio de Janeiro, 2018.

KATAOKA, Alexandre et al. A influência das mídias sociais na decisão pela cirurgia plástica. **Revista Brasileira de Cirurgia Plástica**, v. 39, n. 2, p. e0853, 2024.

KEHL, Maria Rita. Com que corpo eu vou. **BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. Videologias. São Paulo: Boitempo**, 2004.

MADUREIRA, Lucas; MARQUES, Catharina. Mulher está em cadeira de rodas e não consegue andar um mês após procedimento estético no Rio. G1 RJ: Rio de Janeiro, 25 de junho de 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2024/06/25/mulher-cadeira-de-rodas-procedimento-estetico.ghtml> Data de acesso: 19 de setembro de 2024.

NÚÑEZ, Geni. **Descolonizando afetos:** experimentações sobre outras formas de amar. p. 25-42. Planeta do Brasil: São Paulo, 2023.

Polícia investiga morte da mulher após fazer procedimentos estéticos por mais de 10h em clínica, no PA. G1 PARÁ: Belém, 19 de agosto de 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/para/noticia/2024/08/19/policia-investiga-morte-de-mulher-apos-procedimentos-esteticos-em-maraba-no-para.ghtml> Data de acesso: 19 de setembro de 2024.

RAGO, Margareth. **Feminizar é preciso:** por uma cultura filógina. p. 58-66. São Paulo, 2001.

SANTOS, Aline. Mídias digitais, mídias sociais ou redes sociais? LinkedIn, 22 de janeiro de 2019. <https://pt.linkedin.com/pulse/m%C3%ADdias-sociais-digitais-ou-redes-aline-santos>
Data de acesso: 10 de novembro de 2024.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. Considerações introdutórias às pedagogias feministas. **Ensino e Gênero: perspectivas transversais. Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM): Salvador**, p. 17-32, 2011.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie et al. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. Revista brasileira de história & ciências sociais, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2009.

Scars to your beautiful. CARA, Alessia. Letras. Trad. Stefanny. 2016-2025. Disponível em: <https://www.letras.com/alessia-cara/scars-to-your-beautiful/> Data de acesso: 04 de fevereiro de 2025.

SOARES, Rosângela. Pedagogias culturais produzindo identidades. **Educação para a igualdade de gênero.** Cap. 5. p. 47-53. Salto para o futuro: 8 de novembro de 2008.

Sobre o G1. G1 Institucional. Disponível em: <https://g1.globo.com/institucional/sobre-o-g1.ghtml> Data de acesso: 08 de abril de 2024

SOLNIT, Rebecca. Os homens explicam tudo para mim. Trad. Isa Mara Lando. 1ed. Cultrix: São Paulo, 2017.

SOUZA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. V.20, n43, p.64-83. Cadernos da Fucamp: 2021.

SOUZA, Silmara Regina de. Marketing de influência e os influenciadores digitais. Revista E&S, p. 1-3, 2022.

TAKARA, Samilo. Desespero de ser visto: comunicação com as pedagogias midiáticas contemporâneas. **Discursos fotográficos**, Londrina, v.20. n.34. p. 126-138, jan./jun. 2023.

WAGNER, Irmo; SOMMER, Luís Henrique. Mídias e Pedagogias Culturais. **X Seminário de pesquisa Ulbra:** Guaíba, 2007.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza.** Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Tradução: Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

ZANELLO, Valeska. Bom dia, Obvious. #240/ potencial não é paixão, com Valeska Zanello. **Spotify.** 1h e 9min e 53 seg. 06 de maio de 2024. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/5FYxNARpQmHqQ5LfgWI3ef?si=MFSUF17zQ--cZlrUh2fA_g&nd=1&dlsi=823628ad8c2944f3 Data de acesso: 21/08/24

ZANELLO, Valeska. **Prateleira do amor sobre mulheres, homens e relações.** Curitiba: Appris, 2022.

ANEXOS

Influenciadora morre no DF após procedimento estético para aumentar glúteos
Aline Maria Ferreira tinha 33 anos. Procedimento foi realizado em clínica de Goiânia e ela morreu em hospital particular de Brasília.

Por Afonso Ferreira, Caroline Cintra, Marcella Rodrigues, Marcus Barbosa, TV Globo e g1 DF

03/07/2024 15h11 Atualizado há 9 meses



Influenciadora Aline Maria Ferreira morreu no DF após fazer cirurgia estética — Foto: Reprodução/Redes sociais

Uma influenciadora digital morreu no Distrito Federal, nesta terça-feira (2), após fazer um procedimento estético para **aumentar os glúteos, com a aplicação de PMMA (saiba mais abaixo).**

Aline Maria Ferreira da Silva tinha 33 anos.

A mulher morreu em um hospital particular de Brasília, onde estava internada desde sábado (29). De acordo com a Polícia Civil, o procedimento foi realizado no dia 23 de junho, um domingo, em uma clínica de estética de Goiânia (GO).

Segundo o marido da influenciadora, a cirurgia foi rápida e eles retornaram para Brasília no mesmo dia. Nesta quarta (3), ele disse ao **g1** que Aline estava bem, **no entanto, no dia seguinte, ela começou a ter febre**.

O marido de Aline contou que entrou contato com a clínica e foi informado que "era normal, e que ela deveria tomar um remédio para febre". Mesmo após o medicamento, Aline continuou com febre, e na quarta-feira (26), começou a sentir dores na barriga.

- **Saiba quem era Aline**

De acordo com o marido, na quinta-feira (27), Aline piorou e desmaiou. Ele a levou ao Hospital Regional da Asa Norte (Hran), onde a influencer ficou por um dia. Depois, ela foi transferida para um hospital particular da Asa Sul, onde faleceu.

O corpo de Aline será velado e sepultado nesta quinta-feira (4), no cemitério Campo da Esperança do Gama, no Distrito Federal.

Aplicação de PMMA nos glúteos

Bioplastia de glúteo com injeções de PMMA pode ter consequências graves

No procedimento feito em Aline Maria Ferreira da Silva, ela recebeu uma aplicação de **30ml** de PMMA em cada glúteo. **PMMA** é a sigla para **polimetilmetacrilato**, uma substância plástica utilizada para preenchimentos em tratamentos estéticos faciais e corporais, sobretudo para aumento dos glúteos.

Entretanto, a composição do PMMA pode causar reações inflamatórias que, por sua vez, podem levar a deformidades e necrose dos tecidos onde foi aplicado.

O marido da influencer Aline Maria Ferreira da Silva disse que o procedimento na esposa foi feito pela dona da clínica de Goiânia. A mulher chegou, inclusive, a visitar Aline em Brasília quando ela passou mal e foi levada para o Hospital Regional da Asa Norte (Hran).

No hospital, segundo ele, a **dona da clínica negou ter aplicado PMMA em Aline e disse que usou "um bio estimulador"**. Em outro momento, por telefone, a dona da clínica disse que **Aline poderia ter pego uma infecção no lençol de casa**.

O marido da influenciadora disse que isso não seria possível, "pois em nenhum momento o local da aplicação do produto ficou inflamado ou saiu algum tipo de secreção". Segundo ele, Aline ficou o tempo todo de bruços, "com as nádegas para cima".

De acordo com o marido da influenciadora – que não quer ter o nome revelado – nenhum medicamento dado no hospital surtiu efeito, "possivelmente devido ao produto injetado".

Polícia investiga morte de mulher após fazer procedimentos estéticos por mais de 10h em clínica, no PA

Vítima de 51 anos deu entrada na clínica na última sexta-feira (16) e morreu horas depois, segundo informou familiares.

Por g1 Pará — Belém

19/08/2024 20h35 Atualizado há 7 meses



Policia investiga morte de mulher após passar por cirurgia estética em Marabá

Polícia investiga morte de mulher após passar por cirurgia estética em Marabá

A polícia investiga o caso de uma mulher que morreu horas depois de passar por procedimentos cirúrgicos em uma clínica de estética localizada em Marabá, no sudeste do Pará.

A vítima, identificada como Maria Leonice Passos de Melo, de 51 anos, deu entrada na clínica na última sexta-feira (16). Segundo parentes, a vítima ficou mais de 10 horas na sala de cirurgia para a realização de uma lipoaspiração, mamoplastia e abdominoplastia.

Logo após a cirurgia, Maria Leonice teria apresentado reações e morreu poucas horas depois. O corpo da vítima foi velado nesta segunda-feira (19), na casa da família, em Parauapebas.

Mulher está em cadeira de rodas e não consegue andar um mês após procedimento estético no Rio

Segundo a vítima, exame constatou nódulos e cistos. Agora, ela precisa de fisioterapia. Caso é investigado pela 41ª DP (Tanque).

Por Lucas Madureira, Catharinna Marques, RJ1

25/06/2024 12h56 Atualizado há 9 meses



óis procedimento estético. mulher vai parar no hospital no Rio

hospital no Rio

A Polícia investiga o caso de uma mulher que está com dificuldades para andar dezoito dias depois de um procedimento estético feito na casa de uma enfermeira, identificada como Daniele Moraes.

Ester Maia Corecha da Silva, de 25 anos, sempre foi autoconfiante e vaidosa. Porém, sua vida mudou depois de fazer um procedimento para diminuir celulites e gordura localizada na barriga.

Ela foi fazer a aplicação do produto na casa de uma enfermeira. O resultado, no entanto, não saiu como esperado.

"No mesmo dia à noite eu mandei mensagem pra ela, que tem as conversas, e falei pra ela porque o produto estava vazando, que estava vazando. E ela própria falou que ela extravasou um pouco", relatou.

Um dos produtos acabou causando uma inflamação no glúteo, e Ester foi parar no hospital. Mesmo depois de um mês após receber alta, ela ainda sente muitas dores e está em uma cadeira de rodas, porque não consegue ficar de pé.

"Nos exames, consta que esse produto criou cistos, nódulos. Ela está no meu cóccix. E os médicos falaram que esse produto pode andar. Pode chegar ate meus pés. E eu preciso de fisioterapia, de um tratamento para eu poder voltar a andar, voltar à minha vida normal", desabafou.

A enfermeira que fez o atendimento mora em um condomínio na Taquara, na Zona Oeste. Daniele Moraes se diz esteticista, e Ester disse que estranhou o fato de a enfermeira atender em casa. O procedimento, segundo a vítima, foi na cama de uma criança.

Cristiana Maia, mãe de Ester, relatou que está precisando ajudar a cuidar da neta, que é autista.

"Hoje estar vendo ela em uma cadeira de rodas é muito sofrido", contou.

O caso é investigado pela 41ª DP (Tanque).

Especialista alerta

O cirurgião plástico Fábio Santiago, alertou que é importante procurar sempre um profissional competente e membro da Sociedade Brasileira de Dermatologia ou de Cirurgia Plástica, e disse que há apenas um produto indicado para procedimentos estéticos como o que foi procurado por Ester:

"Além do ácido hialurônico, não existe nenhuma outra substância considerada segura para fazer a volumização do glúteo. qualquer outra substância, como metacrilato, PMMA, silicone gel, são consideradas extremamente nocivas ao nosso organismo. e nosso organismo responde com uma reação inflamatória intensa, crônica e exacerbada, causando muitas dores, mutilação do paciente e tudo que a gente não quer com o procedimento estético", afirmou.